

A caminho...

O *Integralismo Lusitano* é um movimento nacional que ninguém já pode sustar.

Os principios que defendemos impõem-se á gente nova, cujos espiritos, abertos sempre a todas as ideias generosas e fortes, vêem que a salvação colectiva deste povo está justamente no despertar da sua memoria historica, na resurreição consciente da suas horas mortas de grandeza. Ha tres anos já que partimos batalhando *em pro do comum e aproveytança da terra* como diziam os bons maiores nas cronicas do tempo. E ha já tres anos que o numero dos que, em torno de nós vão cerrando fileiras para a guerra santa, cresce dia a dia na mesma esperança de resgate.

Nem as ameaças do demagogismo agonzante,

nem a indiferença dos comodistas nem o sorriso sceptico dos dementados podem quebrantar os nossos esforços ou mesmo turvar a nossa fé. Não nos voltamos para traz, a contemplar o Passado com os olhos razos de saudade. Desejamos revê-lo, é certo, mas adeante de nós, no espelho do Futuro, claro, nitido, luminoso...

Ninguém pretende restabelecer o que havia dantes, tal qual era; queremos apenas que exista hoje o que hoje deveria existir, se o estrangeirismo invasor não tivesse desnacionalizado as nossas coisas e a nossa gente.

O curso da Historia Patria desviou-se do leito da tradição para galgar entre nevoas de ideologia os pedregosos alcantis do sofisma filosofico e da mentira politica. Restabeleçamos o curso da Historia no leito da Tradição. A monarquia de *Quatrocentos* organizára pelas suas varias ordens e estados os interesses do Reyno. A realza quincentista revelou um soberano, incarnação viva da auctoridade e da força. Pois bem: que pretendemos nós hoje na apagada a vil tristeza

deste crepusculo? Restabelecer o trono de D. João I sob o sceptro de D. João II. A maior descentralização administrativa, tendo a unificala, do alto do seu prestigio, a soberania intangível dum Rei. Sem ela, descentralizar significaria esfacelar. A Russia é já hoje um exemplo claro do que afirmo; amanhã será uma absoluta confirmação.

As democracias, pela necessidade de terem sempre maiorias parlamentares que as sustentem, precisam de centralizar. Como poderiam contar doutra forma com o eleitorado das provincias, fluctuante instável, pouco seguro? Substitua-se o sufragio universal pela representação das classes, os deputados liberaes, omniscientes, pelos delegados das profissões, defendendo apenas os seus interesses, e assim, não tendo a representação em côrtes character politico, não dependendo dela a sorte dos governos, e, portanto do regimen democratico,

logo poderá uma mais franca descentralização, descongestionar Lisboa de grande numero de serviços publicos e crear entre nós o verdadeiro regionalismo provincial.

Isto não é provavel sem a restauração imediata da autoridade regia, sobrepairante a todas as mesquinhas divergencias partidarias. Os homens publicos são sempre maus pela tirania dos seus proprios interesses, pelo egoismo natural das suas conveniencias pessoaes; estabeleçamos no poder supremo da Patria um homem, o unico homem, cujo egoismo individual e familiar o obrigue a neutralizar as tendencias egoistas dos outros e a velar, portanto, na mais lata accepção desta palavra, pela prosperidade comum.

Os integralistas batalham dia a dia para a vitoria indestrutivel da causa da Ordem neste malfadado paiz,

Já muito temos nós feito!

Quando volvo os olhos atraz dois ou três anos e revejo o caminho andado, quando penso nesta cruzada santa que ainda vai no começo e já

gloriosamente levamos de vencida, sinto-me compensado de muitos sacrificios sofridos, de muitos contra tempos e desgostos que foi preciso remover. E' agora certissima a vitoria das nossas ideias.

Ninguem pode duvidar.

O proprio tempo ha-de favorecer-nos, para que esta geração veja a sua obra triunfante.

A mocidade portugueza acompanha-nos com entusiasmo.

Eles bem sabem, os moços, que o Velho Portugal só comnosco pode contar. Depois da *Patria Nova*, órgão dos escolares integralistas de Coimbra, outro quinzenario entra na liça pelo bom combate das verdades politicas eternas contra a mentira revolucionaria,

A *Tradição*, redigida por estudantes, entre os quaes Cordeiro Ribeiro já conta, com menos de 20 anos, 5 prisões na defeza das suas crenças, é mais uma decisiva garantia de que não são vãs as nossas esperanças, nem esta propaganda de impenitentes reacionarios tem sido inefficaz.

Bem hajam os novos lutadores.

Não são muitos mais; são entretanto mais alguns.

A maré sobe, sobe, vae crescendo ninguem a pode conter.

Semanarios, revistas, panfletos, juntas provinciaes, secções escolares, centros multiplicam-se numa continua progressão...

Termino este artigo com as ultimas palavras que escrevi no n.º 12 da *Nação Portuguesa* ao abandonar a direção dessa Revista órgão do Integralismo Luzitano:

Se o futuro a Deus pertence e Deus assim mostra que está comnosco, pode convencer-se esta republica de que breve acabarão os seus dias á falta de republicanos. *Sursum corda!*

Conde de Monsaraç

NEUTRALIDADE POLITICA

A nação Portuguesea, vai tomando agora, mercê dos grandes esforços realizados pelos integralistas, uma feição nova, com um character inteiramente diferente, do character constitucional — democratico que a domina.

Contudo esse melhoramento é pequeno ainda e pode apenas ser apreciado e avaliado pela minoria do paiz, isto é, por aquelles que vêem realmente no nosso movimento e na nossa propaganda a esperança do futuro.

Decerto os senhores *livre-pensadores*, os senhores *avançados*

não vêem em nós senão *uns traidores á Patria e á Republica!*...

Estou certo disso, mas ainda mais certo estou, de que se esses senhores, não vêem em nós mais do que isso, é porque não querem dar o braço a torcer,

Mas a nossa missão está traçada, os nossos deveres estão indicados, e nem as más vontades e os odios dos *ex-famintos*, nem as ameaças dos frequentadores de espeluncas e dos *Silvas*, conseguirão desviar-nos do nosso caminho.

Dos velhos, pouco queremos, queremos apenas o respeito pelas nossas ideias, dos novos queremos tudo, desde a boa vontade ao sacrificio!

Que os velhos sejam neutrais em politica admite-se, mas que os novos, que vão ser os homens de futuro se